

O MANIFESTO DELE A TODA A GENTE

HIS MANIFESTO TO EVERYBODY

ANTÓNIO FERNANDO CASCAIS¹

¹ Professor Auxiliar da Universidade Nova de Lisboa.

Resumo: Não sem uma certa razão, *O meu manifesto a toda a gente*, de António Botto, sempre foi tido na conta de peça menor na polémica da “Literatura de Sodoma”. No entanto, podem nele detetar-se, de forma sintética, todos os elementos de um meta-discurso sobre a sua própria obra, que ele utilizou em vez de assumir qualquer postura ético-política de autodefesa contra a homofobia omnipresente de que era objeto. A agência que foi Botto a devolver a si próprio contra a extorsão vital de que foi objeto é, em *O meu manifesto a toda a gente*, que se anuncia e será no *corpus* poético que é posta em ação.

Palavras-chave: Botto, manifesto, poesia, resistência.

Abstract: Not entirely without reason, António Botto's *O meu manifesto a toda a gente* has always been taken for a minor piece in the controversy over the "literature of Sodom." However, in it we detect, in a synthetic form, all the elements of a meta-discourse about his own work, which he wielded instead of taking any self-defensive ethico-political attitude against the pervasive homofobia that targeted him. The agency that Botto earned himself back against the vital extortion that targeted him, is announced in *O meu manifesto a toda a gente* and it's in his poetic *corpus* that it will be enacted.

Keywords: Botto, manifesto, poetry, resistance.

Apreenderam o meu livro *Canções* porque nele canto, em forma elegantemente notável, os encantos do meu corpo e as sensações da minha alma. Sim, apreenderam esse livro que é um raro ensinamento de beleza e uma grande lição de estética a todas as mocidades. Alguns dos altos espíritos que me acompanham, e que são os mais altos espíritos do meu tempo, dizem-me, de vez em quando, que as minhas *Canções* de Renascença são constantemente insultadas, e que o meu nome de Artista é diariamente agredido [...]. Assim pode ser, mas custa-me a acreditar. Eu vivo tanto nas garras da minha Arte – a quem me entrego mais e mais – que nada ouço, nem poderia, dos uivos da vilanagem.

[...] É um só pensamento em uma só vontade, dissei-me, não será viver? (BOTTO, 2010, p. 129-130, 133).

O meu manifesto a toda a gente, com o qual António Botto se defende da apreensão da segunda edição das suas *Canções*, figura, se e quando sequer figura, como coisa de somenos entre os muito justamente destacados *Aviso por causa da moral*, de Fernando Pessoa, e *Sodoma divinizada*, de Raul Leal, que assumem a defesa da sua poesia *por extenso*. Que o mesmo é dizer, no mundo em que viviam: temerária e desassombradamente, do seu autor como homem. O manifesto de Botto também não há de incluir-se entre as diatribes de Pessoa e Leal contra Álvaro Maia e os estudantes de Lisboa quanto mais não seja porque ele não se mete num conflito que, tendo como pretexto o seu livro e a sua pessoa, doravante as transcende em muito, ao mesmo tempo que compromete profundamente os outros dois. Nem o seu manifesto pode

emparelhar com a conferência *De mim*, com que Judith Teixeira irá, a seu tempo, valer-se a si própria, produzindo uma peça durante muito tempo imerecidamente olvidada, como de menor monta que os demais, lá onde todos eles são por igual alvo do ataque à “LITERATURA de Sodoma”.

Com inteira razão, Aníbal Fernandes (2010, p. 133) observou que “António Botto atravessou pela margem essa tempestade que lhe era central” (FERNANDES, 2010, p. 133), mas que não foi desencadeada pela edição inicial do seu livro em 1921, e, sim, pela apologia que Fernando Pessoa faz da reedição das suas *Canções* em maio de 1922 na editora Olisipo, “António Botto e o ideal estético em Portugal”, no nº 3 da *Contemporânea*, de julho do mesmo ano. Nada têm por isso de coincidência estes dois gestos de Pessoa, pelo que podemos deduzir que há nele um “projeto Botto”, de resto muito claramente intuído por Zetho Cunha Gonçalves (2014, p. 20-21), para quem o texto pessoano

é fruto de uma certa promiscuidade (natural e fatalmente calculada ao mais ínfimo pormenor pelo seu autor, como foi, de resto, toda a sua obra) [...]. A promiscuidade que aqui se aponta a Fernando Pessoa advém de, enquanto editor da revista *Contemporânea* [...] haver agido, digamos, não em absoluto proveito próprio, mas muito perto disso, ao criticar de modo tão encomiástico não só o poeta, como o livro que, desse mesmo poeta, ele próprio editara muito pouco tempo antes.

Um Botto muito seu, pois, como causa por si assumida, lá onde o próprio Botto não dava indícios das consequências da publicação da sua obra, decerto que não impensáveis, mas por ele impensadas, pouco ou nada interessando para aqui se por imprevidência ou por índole. Muito ao contrário de Pessoa, que se denuncia preparado para o que der e vier com o panegírico que tudo antecipa, a partir da raivosa reação de Álvaro Maia, a que se juntarão Pedro Teotónio Pereira, à frente da canzoada da Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa e, depois, Marcelo Caetano, no nº 4-5 da *Ordem Nova*, de junho-julho de 1926, já após o golpe militar de 28 de maio. Também Leal tem o “seu” Botto, a quem dedica “António Botto e o sentido íntimo do ritmo”, no jornal *O Dia* de 16 de novembro de 1922, que emparelha com o texto inicial de Pessoa sobre o esteticismo do autor de *Canções: Sodoma divinizada*, de Leal, e a conferência *De mim*, de Teixeira, são produções doutrinárias de fôlego, ao passo que as restantes peças da polémica, inclusive o pessoano *Aviso por causa da moral*, junto com as réplicas e trélicas aos panfletos dos seus detratores, devem ser tidos na conta disso mesmo que são, armas de arremesso numa refrega na qual o que vale são as investidas, que não os argumentos. O que em nada lhes retira o absoluto valor histórico. Por sua vez, “António Botto e o sentido íntimo do ritmo” e “António Botto e o ideal estético em Portugal”, dotam a poesia de Botto de uma precoce poética que será prosseguida por outros

textos críticos pessoais e, posteriormente, por não poucos críticos, até aos dias de hoje, a começar por José Régio e João Gaspar Simões, fazendo com que Botto usufrua de uma fortuna crítica com que costumam ser bafejadas só figuras muito maiores do que ele, além de constituírem um contrapeso ao público assassinio de caráter de que cedo foi objeto. Sem embargo do fato de tanto Leal como Pessoa terem cada um o seu Botto de estimação e de serem, ao mesmo tempo, rivais um do outro nas respetivas defesas da sua “dama” e cúmplices aguerridamente solidários, que mutuamente se respeitam e admiram na causa comum contra os seus inimigos. Poderia igualmente considerar-se se uma das razões para ter sido Pessoa a tomar a iniciativa de elaborar uma poética panegírica de Botto (seguida de perto por Leal) não terá sido a intuição de que a lírica bottiana não se bastava a si própria e necessitava de um meta-discurso que sustentasse a sua intrínseca ousadia e o extrínseco sismo de que o teor dela iria constituir o epicentro. Ou seja, podemos razoavelmente interrogar-nos se, para além de se empenhar por muito pessoalíssimos motivos na (re)publicação das *Canções*, ele não teria uma consciência lúcida das repercussões desse seu gesto e da necessidade de a elas se antecipar com uma “defesa e ilustração” da obra bottiana. Quanto a Leal, já tivemos oportunidade de adiantar alhures que teria pessoalíssimos motivos equivalentes aos de Pessoa para fazer a apologia de Botto à sua conta. Para Leal, trata-

va-se, porém, e adicionalmente, de se posicionar em alternativa aos argumentos esteticistas e pagãos de Pessoa na defesa de Botto, com base na sua concepção de uma sodomia ritual e iniciática, mas que ele mesmo reconhece que o seu Botto lamentavelmente não estava à altura dela quanto baste para a tornar defensável no seu caso. No meio disto tudo, Botto parece ser quem menos se defende.

A especificidade da folha volante de Botto, que não é nada disto, consiste em limitar-se ele a replicar ao facto da apreensão de *Canções*. Ao puro e duro facto, não a argumentos contra os quais discutir e, se há coisa que ele não faz, é discutir seja o que for. Não cairemos, para explicá-lo, no facilitismo de menosprezar a propalada incultura de Botto, que tanto e tão duradouramente fez render gente por outro lado tão respeitável como um Eugénio de Andrade. Bem o sabia Botto, que percebeu que não era risco que pudessemos correr – contra-argumentar. Como também a sua infamante notoriedade o tolhia de se dar ao luxo de descer à peixeirada pessoana dos panfletos pós-*Aviso*, com Leal a chegar a prometer pancadaria pela parte que lhe coube na contenda com as baixezas estudantis. Fosse Botto a fazê-lo, mais não faria do que confirmar o estatuto degradado que já lhe estava atribuído. Falaríamos hoje de um lugar de fala impugnado. No manifesto dele a toda a gente há mágoa sem rancor (repete: “apreenderam o meu livro”, “sim, apreenderam esse livro”), queixume e incredulidade (“o meu

nome [...] é diariamente agredido” e “assim pode ser, mas custa-me a acreditar”), mas sem retaliação digna desse nome (“nada ouço, nem poderia”), e a agressividade só aflora quando verbalmente investe contra os “uivos da vilanagem”. Sem este assomo de agressividade e com outra elegância, mas com a mesma do-lência que deixa entrever a afinidade profunda com o manifesto, encontramos o poema “Palavras dum avestruz todo gris”, que Anna Klobucka (2018, p. 115) tem toda a razão em mostrar que “difícilmente poderá ser entendido senão como uma intervenção do sujeito-pretexto do debate no [...] desenrolar cada vez mais intenso” da polémica da “Literatura de Sodoma”:

Arrancam-me as penas
E eu sofro sem dizer nada:
– Sou ave
Bem educada.

E, se quisesse,
Podia
Morder-lhes as mãos morenas [...]
E elas,
Aquelas
Que se enfeitam, doidamente,
Com estas penas formosas
– Que são minhas!
Passam por mim, desdenhosas
Em gargalhadas mesquinhas.
Sim; eu sofro sem dizer nada:
– Sou ave
Bem educada.
(BOTTO, 2018, p. 196).

Incapaz de morder-lhes as mãos, se sofre educadamente, é porque é desprovida de capacidade ou vontade de confronto político, de *polemos* (πόλεμος), logo, de cálculo estratégico, de encenada ou sincera truculência. À franqueza e à espantosa candura com que a poesia de Botto rompe com normas, expectativas sociais e limites de tolerância – o que só pode ser externamente percebido como uma violência feita à sociedade portuguesa – não corresponde qualquer discurso doutrinário, militante, de suporte, o qual constitui, em regra, o instrumento com que se declaram e se conduzem guerras culturais e morais. Com efeito, Botto deixa nas alheias mãos de Pessoa e de Leal a declaração e a condução dessa guerra suscitada pelos seus versos, ou, melhor dizendo, com base nelas pretextada e justificada. A reação homofóbica a Botto depressa impediu que a polémica se mantivesse no plano literário de onde a apologia pessoana alimentada a argumentos esteticistas nunca terá querido que ela descesse. Pessoa e Leal, primeiro, e Judith Teixeira, depois, foram obrigados a descer à arena política onde os seus inimigos queriam que a questão fosse dirimida. Corajosamente, mostraram-se todos à altura do desafio, correspondendo, muito à maneira portuguesa, àquilo que, em paragens norte-europeias, eram as primícias do processo de emancipação LGBTQI+, cujo modelo encontramos na Alemanha, de Karl Heinrich Ulrichs a Magnus Hirschfeld (de resto,

bem conhecidos e citados na literatura médica portuguesa daquela época, mas ignoradas fora dela).

Em Portugal, o conteúdo de todos os textos de Pessoa, Leal e Teixeira é completamente diverso daqueles, mas o papel que desempenham na sociedade portuguesa é sensivelmente o mesmo. Acontece que – e será esta o entrave fundamental, já nem ao êxito, mas sequer à viabilidade de qualquer formulação política – a dinâmica social e política no pós-Primeira Guerra Mundial está longe de ser emancipatória, como o atesta o facto – a esta luz nada enigmático – de a reação antiliteratura de Sodoma ser encabeçada pela juventude estudantil fascista e não por idosos conservadores. Não há onda que os “poetas de Sodoma” possam apanhar contra a irresistível ascensão da versão nacional dos fascismos europeus. Se há coisa que eles não tinham, ao contrário dos cães de fila destes, era as costas quentes. Não negligenciável, neste aspeto, é igualmente o fundamento ideológico dos seus pronunciamentos públicos: de Pessoa, o qual, não sendo um adepto do que virá a ser a União Nacional, de modo nenhum abraça mudanças sociais que de perto ou de longe se assemelhem ao anarcosindicalismo seu contemporâneo; de Leal, crítico monárquico do regime republicano que no final da vida se identificará com o projeto colonialista do Estado Novo; e de Botto, ele mesmo, que, de tímido admirador de Mussolini, chegará aos seus últimos dias a fazer profissão de fé convictamente conservadora e

direitista, o que, sem com isto emitirmos quaisquer juízos de valor, sempre temos de reconhecer que impede a aceitação de tudo quanto se assemelhe a uma agenda de reivindicação de direitos dos homossexuais. É-lhes de todo alheia a ideia, que hoje bem mais facilmente recebemos, de que a única coisa que pretendem, a mudança de atitudes em relação às homossexualidades, pode pelo menos ser propiciada por mudanças políticas e sociais mais vastas e profundas. O episódio da “Literatura de Sodoma” pode legitimamente ser reivindicado como património histórico *queer* e ser integrado na arqueologia do próprio associativismo, como cedo e bem o intuiu Joaquim Manuel Magalhães (2022, p. 294) quando disse que “(e) m Portugal, vale ainda hoje como resistência sexual a poesia de Botto”. Impõe-se, evidentemente, a ressalva absolutamente imprescindível de a nossa abordagem se abster de projetar sobre os acontecimentos todo o anacronismo analítico, prevenindo-se, por isso, com a convicção que quanto possamos dizer sobre os seus protagonistas lhes seria decerto ininteligível. Não há uma história *queer* una e infissurada, mas um feixe delas – uma história literária, uma história política, uma história social... – que só retrospectivamente podem ser entrelaçadas. Neste aspeto, o mérito absolutamente indiscutível de Magalhães está em, depois de Sena, e de um longo intervalo de silenciamento assassino que só serviu a *damnatio memoriae* do poeta das *Canções*, ter (re)politizado para nós o “caso” Botto

como se impunha e continua a impor-se, estabelecendo uma linhagem crítica que o presente texto abraça como herdeiro. Assinalava então Magalhães (o texto, inicialmente publicado na imprensa, foi republicado em *Um pouco da morte*, 1989, e em 2022 na obra aqui citada) que a poesia de Botto possui uma qualidade nada negligenciável que se sobrepõe às suas fragilidades literárias, de resto sublinhadas, diríamos nós, sempre que se trata do propósito oculto, nada literariamente canônico, mas hipocritamente censório e político, de demolir o seu autor enquanto pessoa, poesia, pois, cuja qualidade

transforma em ato perdurável esta linguagem. Essa qualidade reside, talvez, na coragem com que afirma, tematicamente, um desejo homoerótico consciente dos terríveis tabus sociais e defrontando-os na linearidade com que joga esse desejo, ou descrevendo-o em pequenas histórias exemplares, ora assumindo-o como tormento cantável (MAGALHÃES, 2022, p. 294).

Felizmente para todos, o muito compreensível ceticismo então expresso por Magalhães quanto à possibilidade de um resgate extraliterário de Botto viria a ser desmentido por uma literatura agora crescentemente abundante. Se não existe nada passível de categorização de “poesia homossexual”, deplorável termo apenas aplicável a indivíduos humanos e que mais não exprime do que um mal que lhes é infligido a pretexto de se relacionarem com pessoas do mesmo

sexo ou de alterarem as características normativamente atribuídas aos gêneros, o certo é que, nos poemas de Botto:

A coragem gramatical do gênero do enviado formula um desafio aos códigos esmagadores da moral majoritária, ao surgir numa coletividade mental enquistada. [...] Essa imensa coragem, todavia, não pode deixar de assumir-se sob o tom da mágoa. [...] A legitimidade desta tristeza pressupõe a necessidade de um estudo sociológico (que talvez nunca ninguém fará) à melancolia profunda que contamina a vária poesia portuguesa atual, onde a pulsão homoerótica constitui o solo biográfico de que parte a experiência, para além da biografia dos poemas. A qual talvez resida no decidido (ou tímido) confronto com uma sociedade que reservou a galhofa com que dantes colheu os “selvagens” (terminada a fase de colonização sem disfarce) a um racismo no interior de si própria, voltado sobretudo pra as práticas que lhe não foram predestinadas a entender (MAGALHÃES, 2022, p. 294-295).

Outra coisa não exprime o dorido queixume da avestruz depenada que também se pode detetar de forma bem mais subtil em “Camões dirige-se aos seus contemporâneos” de Jorge de Sena (em *Metamorfoses*, 1963), o qual, por outro lado, se encontra na ponta diametralmente oposta de ferocidade das imprecisões poéticas portuguesas contra os males infligidos. Mais implacável ainda, Sena dispara literalmente as suas célebres *Dedicácias* de um modo que Botto diz que nunca seria capaz. Nas suas próprias palavras: “Como é bom não insultar os inimigos! Deixar que o

andamento dos dias e dos meses os retrate e os faça desdizer o que afirmaram. Guardo essa preciosa documentação. E penso publicá-la, numa próxima entrevista, finalmente, embora não fosse necessário” (BOTTO, 1959, p. V). Não se pode saber de que documentação se tratava, nem, por isso, quanto de seriedade reconhecer a esta ameaça nunca cumprida. Em contrapartida, parece inabalável a certeza identitária forjada pela insistente concentração no sentimento de si como artista e poeta, (“O soneto do ponto final desta abertura, *in Ainda não se escreveu*):

Eu sou quem sou. O resto não interessa.
Que me importa que falem do que faço
Porque quero fazer sem o embaraço
Daquele que só quer viver depressa? [...]
Coitado do que sabe dizer tudo
Sem noção da ignorância que mostrou.
– Não gosto de enganar e não iludo.
Devolvo à humanidade o que Ela faz
Condenando a moral que Ela inventou
Para dar todo o mal de que é capaz
(BOTTO, 2018, p. 547).

Será porventura o máximo que Botto atinge no que toca a vindicta pessoal: devolver poeticamente à procedência. Ficamos pois com o manifesto a toda a gente e a sua profunda afinidade com o lamento de *drag queen* desplumada por uma agressão homofóbica, neste aspeto tão distante da fantasmagoria seniana justiceira *post-mortem*. Repara a este respeito Anna Klobucka (2018, p. 116):

Este discurso do avestruz torturado surge como a primeira enunciação conhecida de Botto que pode ser lida, alegoricamente, como uma reação ao que lhe ia acontecendo desde o lançamento de *Canções do Sul* dois anos mais cedo. [...] O arrancar doloroso das penas figuraria [...] como uma representação metafórica da “injúria” homofóbica [...]. Porém, se a violência e o sofrimento que o poema referencia são identificáveis como uma evocação dos ataques homofóbicos a que Botto era sujeito, o seu discurso de “ave bem educada” aponta também para efeitos e ramificações mais complexos da sua exposição pública.

Chegamos com isto à acusação de narcisismo, repetida acriticamente por gerações de comentadores, mas que hoje estamos em condições de rever com a desejável eficácia. Embora não se afigure extemporânea uma interpretação de teor psicanalítico do apregoado narcisismo de Botto como investimento compensatório de uma subjetividade visceralmente afetada pela interiorização do opróbrio social e, desse modo, abandonada à solidão metabolizadora do trauma causado, é mister despsicologizar esse narcisismo. Nada que os estudos atuais não possam encontrar com certa frequência entre a população LGBTQI+, trata-se de uma reação externamente visível à realidade dramaticamente vivida da estigmatização, da discriminação, enfim, da infelicidade, que têm por efeito uma deterioração identitária, ela sim invisível a quem não a experiencia. O aparente narcisismo que vislumbram em Botto é obra dos perpetradores da ação deletéria cujos efeitos performativamente cor-

rosivos lhes passam despercebidos como tal. Não se perceber isto é não se perceber nada do que é, ao fim e ao cabo, a homossexualidade como mal identitário infligido: muito ao contrário de ser uma tendência essencializada e naturalizada, ela é, acima de tudo, a condição em que é compulsoriamente dado viver o amor, o prazer, os afetos – enfim: tudo – a algumas pessoas a pretexto de se relacionarem com pessoas do mesmo sexo ou de alterarem as características normativamente atribuídas aos géneros, como dissemos anteriormente. Com efeito, para os indivíduos que dela são alvo e vítima, a omnipresente e perene dificuldade de viver, de ser, é percebida como uma irrealidade quotidiana análoga à vivência de um ser humano num planeta habitado por invasores extraterrestres antropófagos. O homossexual publicamente reconhecido que Botto era – fizeram ser – vive em ambiente de assédio identitário incorporado, sob permanente ameaça, que o mesmo é dizer, de exposição absoluta:

Na imaginação poética de Botto, concretizada no poema do avestruz, o que vinha acontecendo desde então à sua volta não tinha um sentido inequivocamente positivo (como as interpretações tradicionalmente focadas no seu “narcisismo” e desejo de fama tendem a assumir) – antes pelo contrário, a sua notoriedade assume, pelo menos neste testemunho poeticamente transfigurado, os contornos de um pesadelo (KLOBUCKA, 2018, p. 117-118).

Não é mero e pedestre narcisismo afirmar, no manifesto, que no livro apreendido, ele canta “em forma elegantemente notável, os encantos do meu corpo e as sensações da minha alma”. Se já o manifesto exprime esta *apologia pro vita sua*, é na poesia que ele encontra aquela que parece ser a única via de recuo ou de fuga do pesadelo sofrido e que lhe possibilita viver “tanto nas garras da minha Arte – a quem me entrego mais e mais”. Botto mente quando retorque que lhe custa a acreditar que “as minhas Canções de Renascença são constantemente insultadas, e que o meu nome de Artista é diariamente agredido”. Ouve e regista tudo, mas demorará algum tempo a revelá-lo sem reбуço (“À luz das estrelas”, em *Ódio e amor*):

Porque tenho inimigos, sim, – não sei!...
Mas são muitos e ainda os não contei
Poeta! Nunca fiz mal a ninguém [...]
E nunca me lamento, – sou assim [...]
Posto à margem de todos os banquetes
Nunca fui um conviva desejado [...]
Quantos ao ler estes magoados versos
Não dizem: – Mas que autêntico idiota
A julgar que há um olhar que o tome a sério!
Eu sei; eu sei que sou odiado
Como um caso sem norte ou um mistério
Que floresce em poemas sem controle [...]
À força de calúnias, – tanto ódio!
Chego a pensar que valho e sou alguém
Apaixonado e frágil, nos meus livros
Tracei os novos rumos da Beleza
Na música da métrica sem peias
Que foi de encontro a todas as medidas
E desafia o preconceito e a morte

De frente sem jogar às escondidas!
(BOTTO, 2018, p. 429-430).

Provavelmente a mais significativa alínea do apontado narcisismo de Botto é o seu delírio megalómano, que estafadamente se ampara no facto real das complicações neuropsiquiátricas dos últimos estádios da sífilis. Nem Eduardo Pitta deixou de ceder a essa es-corregadela, ele que é, por outro lado, o meritíssimo panegirista que publica a poesia completa de Botto, mas que do reproduzido livro póstumo publicado em junho de 1959, dois meses após o falecimento do poeta, *Ainda não se escreveu*, opta por omitir o texto “Esboço para abertura do ensaio que será publicado no próximo livro – Os Mastros do Meu Navio” (BOTTO, 2018, p. III-X), que o autor pretendia introdutório a este livro que nunca viria à luz, por, diz Pitta (apud BOTTO, 2018, p. 546), aquele ter sido “(e)escrito numa fase em que a doença acentuava o transtorno cognitivo de Botto, a roçar o distúrbio oniróide, a sua reprodução em nada beneficiaria o autor”. Consabidamente, Botto inventou críticas mais do que superlativas e entusiásticas à sua obra, que a sua necessidade de aprovação e apoio decerto carecia que tivessem havido, para além das correspondentes amigas e íntimos convívios que a sua atroz solidão não menos seguramente ambicionava que o tivessem sido. Generosamente espargidas pelas suas obras republicadas e sempre emendadas para pior, segundo asseveram

os críticos especializados mas simpatizantes, elas não se compadecem com a explicação patologizadora da conduta errática de Botto, duradoura desde Álvaro Maia a Amorim de Carvalho e do próprio Gaspar Simões quando caiu no psicologismo, a Óscar Lopes e um longuíssimo etc. Não é impunemente que se ouve e se lê o que Botto teve de suportar a vida inteira. Embora desde cedo presentes, a invenção de uma plêiade de admiradores estrangeiros ter-se-á intensificado após a morte de Pessoa e à medida que crescia o desamparado da sua vida. Botto forjou uma crítica fictícia onde cabe tudo quanto era *gay* e lésbica célebre, mas o certo é que ele foi merecedor de apreciação atenta de figuras nacionais, tudo menos desprezíveis, como João Gaspar Simões, José Régio, Jorge de Sena, impotentes, porém, para o salvarem da solidão nada esplêndida em que são precipitados os proscritos. E, acima e antes de todos, Pessoa. Que mais reconfortante e lisonjeira homenagem pode haver do que ter sido Botto o poeta a quem Pessoa – o Pessoa! – maior atenção crítica mereceu, para além de colaboração vária e, nada de somenos, *companhia*.

Botto morreu com essa certeza que nada nem ninguém lhe pode extorquir, como reitera desde o manifesto até às vésperas do falecimento. Recordemos o manifesto: “Alguns dos altos espíritos que me acompanham, e que são os mais altos espíritos do meu tempo, dizem-me, de vez em quando, que as minhas Canções de Renascença...” São por demais conhecidas

para aqui serem acomodadas as palavras no mínimo elogiosas que todos lhe dirigiram, assim como a ressalva mais ou menos implícita em todos eles e que se pode sintetizar na ideia que, além de poeta, Botto é um *caso*. O facto de o ser torna-os a todos em maior ou menor medida explicativos, conscientes, como agudamente se mostram, de que não há maneira de tocarem na fogueira bottiana sem queimarem os dedos. Ou seja, que não há abordagem possível da obra e da pessoa de Botto neutra ou indiferente, seja ela positiva ou negativa, e que a primeira, que é a deles, não pode deixar de se posicionar em relação ao filtro de percepções distorcidas que filtram o olhar da segunda. Seguindo Eve Kosofsky Sedgwick, para quem toda a abordagem das homossexualidades subsiste tão só “sob a geral e relativamente pacífica égide de um desejo cultural de que as pessoas *gay não existam*, não há lugar concetual pacificado e pacificador para um conceito de origens da homossexualidade” (SEDGWICK, 1991, p. 43), diríamos hoje que a visão negativa que se projeta sobre Botto veicula um desejo mais ou menos expressamente formulado de que ele não exista. Se, simetricamente, quisermos sintetizar o pressuposto básico que sustenta os seus detratores é que aquilo não é, não pode ser, literatura, mas antes a expressão abjeta da sexualidade aberrante do homem. A redução biográfica aqui posta em ação materializa performativamente, de um só gesto, a exclusão do indivíduo e a anulação da obra: não é em presença de

um artista que nos encontramos, mas de um monstro com semblante humano. A derruição da poesia opera-se por interposto assassinato de caráter. Acossado, é triste dizê-lo, pela incansável perseguição, Botto admite que algo, pelo menos, ele quer incólume sob a vida impossível, que é precisamente onde costuma encontrar um derradeiro refúgio quem se depara esmagado pelo totalitarismo quotidiano:

Tenho direito às minhas ideias embora não tenha direito à minha vida. Das minhas *Canções*, da minha arte, muitíssima coisa se tem dito! E eu ainda nem sequer tentei explicar, publicamente, este ou aquele pormenor erradamente compreendidos. Mas, explicar, – para quê? Os inferiores têm outro entendimento e falam outra linguagem... Distante, escrevo os meus versos indiferente à sedução fácil e indiferente, também, àqueles que não sabem ou não podem compreendê-los. O poeta é o homem que sabe interessar-se pelas coisas que os outros desprezam e não entendem. Tudo que em nós não chegou a realizar-se tem na poesia a sua mais alta vibração emotiva. Sim, meu amor: os grandes versos não são sentimento; – os grandes versos são experiência; e poesia não é mais do que a lembrança purificada pela beleza da expressão. Adeus. – Não queiras contar-me o que eles dizem (BOTTO, 2018, p. 329).

Para Botto, a poesia é o *locus* de resistência política ao totalitarismo quotidiano e o espaço dela afigura-se-lhe o único habitável. Na “Canção” de *Ainda não se escreveu* que começa pela interrogação “Poesia, o que és tu?”, Botto enuncia claramente:

Aqueles que são Poetas
Irremediavelmente Poetas
Contra tudo e contra todos os que fizeram do Poeta
- O eterno bode expiatório
Dos crimes que não cometeu, das injúrias
Que não diz nem contra seus declarados inimigos,
Dos que o acusam de malfeitor intelectual
Quando ele critica, pelo amor e pela verdade
(BOTTO, 2018, p. 613).

A crítica, em Botto, não só está longe de assumir o caráter doutrinário e reflexivo que com justeza se costuma atribuir à crítica digna desse nome, como se acha ferida de enviesamentos ideológicos e imbuída de religiosidade popular que lhe tolhem decisivamente o alcance, como bem o demonstram os poemas de final de carreira insertos em *Ainda não se escreveu* (vide BOTTO, 2018, p. 664-703). Podemos inferi-lo com base e a partir do manifesto. Tudo leva a crer que Botto nunca se defenderia tão bem atacando, como Leal e Pessoa (e depois Teixeira) do que entrincheirando-se na eloquência poética que o era também muitíssimo menos pela retórica, a que só recorreu na poesia “ideológica” tardia e desinspirada, do que pela ousadia de conteúdo sexual. Não há por isso tanta contradição como superficialmente se poderia imaginar em proferir que: “Como qualquer homem inteligente e sensato, devo sujeitar-me à maioria e não ter opinião. Posso, quando muito, realizá-la através da Arte e da Poesia” (BOTTO, 1959, p. IV). Também nisto o manifesto é premonitório. Aventurar-se

pela floresta densa da argumentação não é empresa ao seu alcance, ele que parece nada ter temido com o atrevimento das *Canções*. Saberá preservar quem é, tanto como não duvida que, e não esqueçamos novamente o impulso antiemancipatório daqueles dias, só se convence quem convencido está:

E olha António Boto,
Continua a ser
O que ninguém é.
E não digas mais
A quem não entende,
E se entende finge
Que não compreendeu
Porque tu és tu
E tens o que é teu.
Querem encobrir-te,
Negar-te, fingir-te
Mas tu *arreventas*
As pedras no mar,
Dás luz às estrelas
E abres as covas
Para os enterrar
Depois pela noite
Mata o esquecimento
Do que te fizeram
Pelas noites mortas
(BOTTO, 2018, p. 598).

Mas que há em Botto resistência que faz jus a esse nome, é sem esforço que notamos que há. Veja-se “Consciência”, de *O livro do povo*:

Ser um fantoche, um número, um tijolo,
Não me agrada, não quero!, – qualquer coisa

Postiça, sem caráter, sem miolo,
– Não!, põe de parte os loiros e essas flores!
Sozinho, ativo, e frágil, verdadeiro!,
Sou aquele idealista que não mente
E traz no sangue a voz do mundo inteiro!
(BOTTO, 2018, p. 438).

Após a ida para o Brasil, muito menos voluntária do que compulsória num país onde a vida lhe foi tornada impossível, Botto ter-se-á proposto conscientemente preparar um legado, revelado em *Ainda não se escreveu* (única obra lá publicada, junto com a recolha de contos não inéditos *Regresso*), tendo em atenção que “a grande preocupação da minha alma era construir e levantar as conclusões de uma obra, – iniciada pelo entusiasmo do escândalo que ela, sem precaver, originou. Rebarbativa e casta na sua independência original, chegou a ser apreendida” (BOTTO, 1959, p. V). Botto confirma com esta frase as nossas fundadas suspeitas que ele pouca ou nenhuma consciência prévia teria da amplitude e gravidade das consequências da publicação de *Canções*. Mas, se não podia adivinhar de antemão a aproximação da tempestade, ele não teve dúvidas, *a posteriori*, do papel desempenhado pela sua temeridade no ambiente nacional do seu tempo

cheirando a endoenças e a trevas ridicularizadas nos romances de Eça de Queirós e Abel Botelho, que, apesar de terem fotografado, higienicamente, toda essa sociedade alarmante no seu irrevogável possidonis-

mo, esse raminho isolado de Canções, *arrebata*das ao seu verdadeiro poder intangível, era discutido e pisado pelos que não queriam desalojar-se das suas águas-furtadas, onde gatos, em Janeiro, miavam na devassidão nocturna (BÓTTO, 1959, p. VII).

E volta a demonstrar a consciência da sua vitimização, propondo-se virar-lhe o bico ao prego:

A consciência do Sol vive na sombra da noite. Surpresa, talvez, inesperada para os que se utilizam de certos lugares onde podem exercer a campanha de silêncio, com esse ajustado desplante tristemente individualizado pela insuficiência mental. Se me refiro, de passagem a mazelas tão indesejáveis, é só para que vejam que as notei (BÓTTO, 1959, p. IX).

Um pormenor que não o é, mas que sempre foi ignorado como se o fosse, é o facto de o manifesto se dirigir “a toda a gente”, o que constitui um óbice fundamental para poder perfazer as características de um verdadeiro manifesto no pleno sentido da palavra, aproximando-o, em contrapartida, do que poderia ser tomado como uma proclamação. No entanto, ele também não tem conteúdo que baste para tanto. Protesto – uma declaração de protesto – assentar-lhe-ia porventura com bem maior vantagem. A agência que foi Botto a devolver a si próprio antes que lha restituíssemos nós a ele, é em *O meu manifesto a toda a gente* que se anuncia e é no *corpus* poético que é posta em ação. Com ela, Botto ergue-se acima da morte social

sob a qual quiseram sepultá-lo: “A mim, meteram-me numa cova rasa, e puseram este letreiro para quem passasse e olhasse: – *morreu de vez*. Porém, ressuscitei” (BOTTO, 1959, p. X). Como interroga no manifesto: “[...] E um só pensamento em uma só vontade, dissei-me, não será viver?”. É, sim.

REFERÊNCIAS

- BOTTO, António. *Poesia*. Porto: Assírio e Alvim, 2018.
- BOTTO, António. O meu manifesto a toda a gente. In: BOTTO, António. *Canções*. Edição, prefácio e notas de Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro. Lisboa: Guimarães, 2010. p. 129-130, 133.
- BOTTO, António. Uma entrevista com António Botto. In: BOTTO, António. *Canções*. Edição, prefácio e notas de Jerónimo Pizarro e Nuno Ribeiro. Lisboa: Guimarães, 2010, p. 151-154
- BOTTO, António. *Ainda não se escreveu*. Lisboa: Ática, 1959.
- FERNANDES, Aníbal. Organização, introdução e cronologia. In: LEAL, Raul. *Sodoma divinizada*. Lisboa: Guimarães, 2010.
- KLOBUCKA, Anna M. *O mundo gay de António Botto*. Lisboa: Documenta, 2018.
- MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Poesia portuguesa contemporânea*. Lisboa: Bestiário, 2022.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Berkeley: University of California Press, 1991.